

Igreja da Paz

O Sentido da Paz

Localizada no Glicério, a Igreja Nossa Senhora da Paz foi erguida durante a Segunda Guerra, sobreviveu às transformações urbanas de São Paulo e, hoje, é um monumento de beleza em meio ao tráfego e à miséria do centro da cidade

Por Itamar Cardin

Os bancos da Igreja da Nossa Senhora da Paz, no Glicério, estão quase todos ocupados por senhores de camisas sociais e senhoras de cabelo grisalho. Absortos, olham as esculturas de santos, os afrescos bíblicos, e ouvem a voz e a palavra macia do padre. De repente, a mudança. Quase todos os fiéis se ajoelham de mãos dadas e pedem a redenção dos pecados, em uma imagem uniforme. "Prendete". É o padre, quebrando o silêncio e chamando os fiéis de volta à realidade. "Padre Nostro che sei nei cieli, sai santificato il tuo nome. Venga il tuo regno...". Todo primeiro domingo do mês é assim. Descendentes de italianos se encontram na Nossa Senhora de Paz para acompanhar a missa pregada em italiano pelo padre Giorgio Cunial. Comparecem geralmente cerca de 400 pessoas, a maioria da terceira idade. O altar fica exatamente à frente de uma estátua branca de 1,5 m da Padroeira com o menino Jesus. Na altura da cabeça da imagem, ao fundo, nasce um afresco de Cristo crucificado. A pintura tem quase 6 m de comprimento e se sobressai entre os diferentes

Gabriel Affonso Morales

tons de cinza do painel de fundo. Três velas ladeiam a estátua. E, mais à direita, dispõem-se lado a lado as bandeiras do Brasil e da Itália. A igreja está localizada na Rua do Glicério e pertence à missão escalabriana, de origem italiana. Apesar da ligação inicial com a Itália, desde a década de 70 dedica boa parte de seus esforços no atendimento a imigrantes latinos e a migrantes brasileiros, com o Centro Pastoral do Migrante (CPM), o Centro de Estudos Migratórios (CEM) e a Casa do Migrante. As três instituições dão moradia, atendimento jurídico, psicológico, trabalho e até comida para quem chega a São Paulo, além de disponibilizar uma biblioteca sobre o tema. A influência da comunidade latina fez com que os confessionários fossem substituídos por imagens das padroeiras da Bolívia, Chile, Paraguai e Peru. E no último domingo de cada mês, são realizadas missas em espanhol. Há também a Pastoral da Solidariedade, que distribui cestas básicas à população carente do Glicério. Naquela missa italiana, realizada em setembro, Alberto Costa e Silva, de 7 anos, é uma das poucas crianças presentes. Acompanhado do tio e da mãe, passa parte da missa tentando decifrar o italiano do padre Giorgio. E na outra, permanece do lado de fora brincando com o primo, três anos mais novo. "O que mais gosto é de ficar olhando o padre porque ele é de Deus", diz, abrindo em sorriso a boca banguela, para orgulho do tio Fernando. De cabelos lisos quase cobrindo os olhos puxados, bermuda e tênis de futebol de salão, e bisneto de italianos, Alberto não tem dúvida. "Essa missa é bem mais legal do que as outras."

Mas os encantos da igreja vão além da missa em italiano. Apesar de a Nossa Senhora da Paz estar instaurada em uma região cercada pelo tráfego, miséria e prostituição, o templo se destaca pela beleza. A igreja é constituída de tijolos alarajandos em tom claro, o que dá a ela um clima ameno e simples. São 18 metros de altura, 49 de comprimento e 25 de largura. Há ainda uma torre de 37,5 metros separada da

Desde o seu surgimento, na década de 1930, a Igreja Nossa Senhora da Paz é um ponto de referência da comunidade de descendentes de italianos em São Paulo





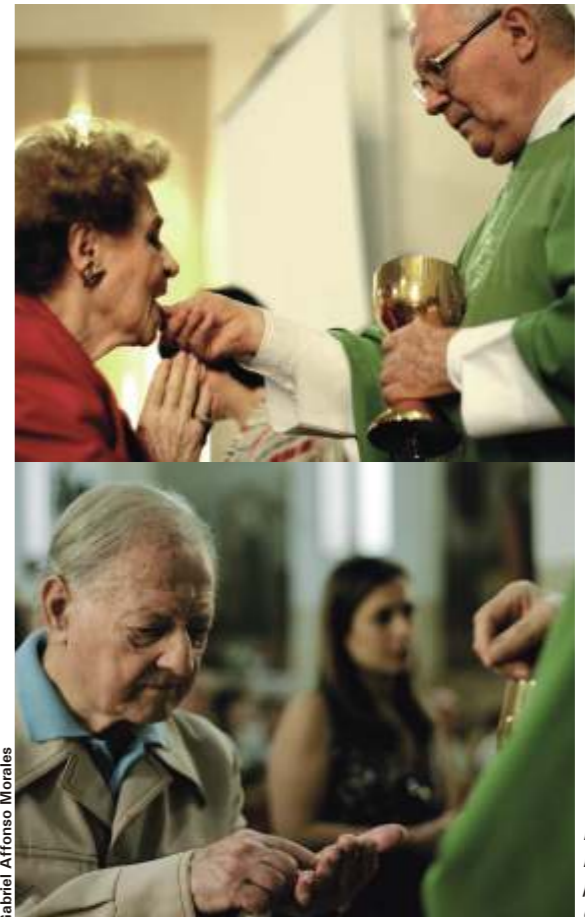
Gabriel Afonso Moraes

Por fora, o prédio simples de tijolos avermelhados esconde a beleza dos afrescos no interior da igreja

construção principal, com nove pequenas janelas de cada lado, no topo. O conjunto lembra muito as velhas olarias do interior do estado. Na parte interna, a riqueza e a qualidade das obras sacras impressionam. Fulvio Pennacchi, consagrado artista ítalo-brasileiro na primeira metade do século XX, é o responsável pelos afrescos, e as esculturas são de autoria do também italiano Galileo Emendabili - que fez o Monumento aos Heróis Constitucionalistas de 1932, no Parque do Ibirapuera. O surgimento da Nossa Senhora da Paz tem início em meados da década de 1930 e se deve, em grande parte, aos esforços do padre Melini. Um dos líderes da comunidade católica italiana em São Paulo, Melini desejava construir uma igreja que servisse de referência aos imigrantes italianos presentes na cidade. Mais do que uma instalação católica, pretendia desenvolver um projeto social, com escola, creche, ginásio (o único não construído), e que promovesse encontros e festas. Um forte componente histórico também integra as bases do projeto. Na época, a Itália vivia o auge do fascismo de Benito Mussolini e da valorização à italianidade. No Brasil, não era diferente. Getúlio Vargas caminhava para uma ditadura de forte exaltação ao caráter nacional. No encontro desses dois nacionalismos, nascia uma cisão. "A situação se tornou ainda pior quando Getúlio passou a coibir encontros, sociedades e agremiações italianas. Ficaram todos divididos", afirma o padre Sidnei Dornella,

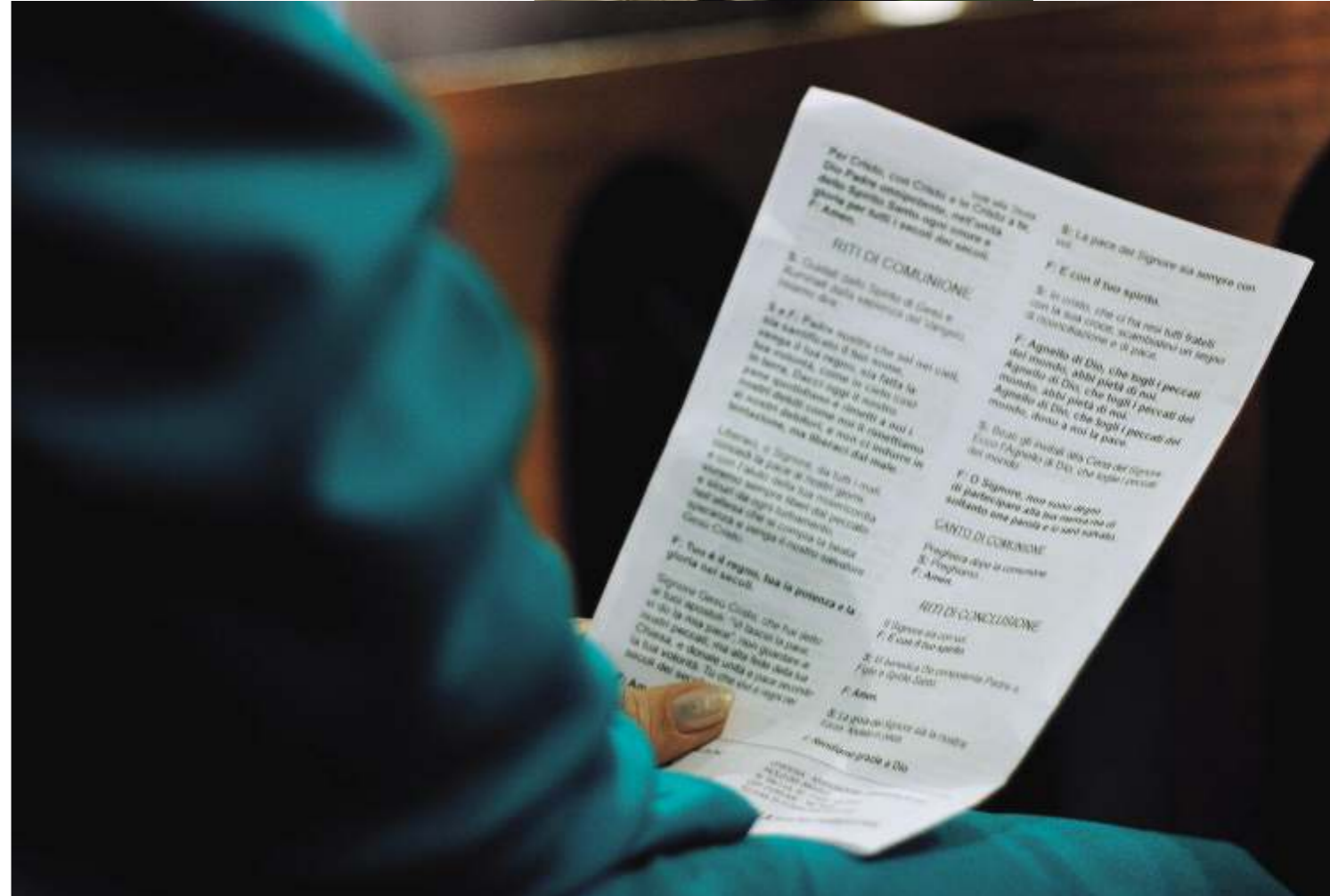
responsável pelo CEM. "É inegável que padre Melini bebeu desse caldo cultural, com um pouco de inspiração em Mussolini". Decidido a concretizar o projeto, Melini se uniu a senhoras de poderosas famílias italianas, como a Crespi e a Matarazzo, e fundou a Associação Nossa Senhora da Paz, que promovia eventos e recolhia contribuições de membros da comunidade italiana. O terreno de 10 mil m² foi comprado no Glicério entre 1937 e 1938. Melini levou o projeto original para Pennacchi, mas ele se recusou a auxiliar, alegando que, muito enfeitada, ela não corresponderia às tradições italianas. Quando enviada ao Vaticano para receber aprovação, a planta foi vetada pela falta de simplicidade. Pennacchi foi novamente procurado. Com os requisitos aceitos, ele se uniu a Emendabili e ao arquiteto Leopoldo Pettini e iniciou o processo de construção da Nossa Senhora da Paz. A pedra fundamental foi lançada em 20 de outubro de 1940. Por volta de dois anos depois, parte da Igreja já havia sido levantada - o suficiente para a realização das primeiras missas. A harmonia entre o trabalho de Pettini e o dos dois artistas é notória e se estabelece claramente na busca pela simplicidade, pela coerência e pela beleza. O traço da igreja, o material, os afrescos e as esculturas parecem formar um todo só, como se tivessem sido feitos por uma única pessoa. Nas pinturas, um detalhe significativo: Pennacchi só tematiza as verdades do Senhor, como o Juízo Final e a Anunciação. Os santos,

quase sempre acompanhados por cachorros e pássaros, são humanizados por contornos simples e expressões serenas. É uma base dupla a utilizada pelo artista: renascentista, quando se escora no ideal de pureza; e modernista, à medida que utiliza imagens concretas (como os animais) para dar vazão a uma sensação abstrata. Na crucificação, impressiona a serenidade da face de Cristo, que chega a parecer sorrir de seu destino. Feitas em mármore travertino, as esculturas de Emendabili também se sobressaem pela pureza. Embora mantenham a simplicidade, os traços possuem uma certa tensão, que dão maior força de expressão às obras. A imagem da Padroeira com o menino Jesus é bem representativa, com uma precisão nas formas, mas sem que a feição perca a força expressiva. Durante um longo período, a Nossa Senhora da Paz foi não só referência para os imigrantes italianos, como também para os adeptos da arte. Em 1950, foi a única igreja de São Paulo escolhida para participar da Exposição Internacional de Arte Sacra do Ano Santo, em Roma. E viveu o auge oito anos depois, quando o então presidente italiano Giovanni Gronchi a visitou e participou de uma celebração com quase mil pessoas. Uma forte crise, no entanto, abalou a igreja e ela quase foi fechada em meados da década de 1960. "Tudo influiu. A comunidade italiana se dispersou, as mulheres deixaram de ser atuantes,



Gabriel Afonso Moraes

Fiéis em missa italiana, realizada sempre nos primeiros domingos de cada mês





Gabriel Afonso Morales

"O que mais gosto é de ficar olhando o padre porque ele é de Deus", diz o pequeno fiel

o bairro sofreu drásticas mudanças", diz padre Sidnei. De óculos pequenos, camiseta, jeans e havaianas brancas, o padre conta, impassível, a história da igreja, sempre de olho no interlocutor e com a voz constante, como se mantivesse uma postura imparcial. Mas falseia e a fala se torna mais baixa. "O Glicério deixou de ser bairro de classe média e se modernizou, com a construção de avenidas, viadutos e indústrias. O bairro passou a ser freqüentado por prostitutas e homossexuais, e os padres não souberam o que fazer." Na época, a escola deixou de funcionar, as missas eram assistidas por menos de cinco pessoas e o pátio da igreja se tornou ponto de baderna. "Não se pode deixar de culpar os padres da época. Mas a Nossa Senhora da Paz foi vítima das transformações urbanas vividas por São Paulo. E o Glicério, do preconceito." Preconceito e miséria que até hoje atingem a região. Embora a igreja tenha se refeito a partir da década de 1970, quando enfatizou a ajuda aos imigrantes latinos e à população do bairro, o Glicério não se recuperou. Monumento de beleza no centro de São Paulo, a Nossa Senhora da Paz é cercada por uma região miserável e dominada pelo tráfego, que tem força nos arredores. "Temos de aprender a conviver e não entrar em conflito" afirma o padre Lírio Berwanger, pároco da igreja que diariamente reza missas para cerca de 20 pessoas. O contraste pôde ser presenciado em uma tarde de quinta-feira. Do lado de dentro, o silêncio, a beleza e o agradável cheiro de limpeza - fruto do esforço de um simpático voluntário, Willians, que

diariamente purifica chão, altares e bancos da Nossa Senhora da Paz. Enquanto isso, mendigos, bêbados, prostitutas e pedintes passavam, sem notá-la, na Rua do Glicério. Na parte de trás do terreno, a miséria e o descuido são ainda mais agudos. Debaixo de um viaduto, no instante em que bate um vento forte e frio, dezenas de moradores de rua jogam baralho em pequenas mesas de madeira, dormem no chão, tragam goles de cachaça. Um jovem em uma cadeira de rodas vende calças e camisetas velhas. Na parte externa do terreno da Nossa Senhora da Paz, nenhuma das vinte janelas escapa das folhas de árvore, dos papéis, das bitucas de cigarro e, principalmente, de um pó negro e denso. Todas possuem pichações entre seus espaços de 2 metros. O cair da tarde se aproxima e o alaranjado dos tijolos vai quase se tornando marrom. Alfredo, peruano, chega próximo ao portão da paróquia e se senta na escadaria. "É aqui a igreja do Glicério?" Passa a olhar para a frente calado, a observar os prédios antigos e descascados, em azul, laranja, amarelo, verde, cinza e bege, todos cortados por roupas na janela, fios, antenas de peixe e parabólicas. "Cheguei de Arequipa há um ano e meio, vim para conhecer o Brasil." Ele abaixa a cabeça e assim permanece por um longo tempo. Quando retorna a falar, a voz é quase inaudível. "Vim tentar ganhar a vida aqui." É assim todo dia na Nossa Senhora da Paz, igreja de múltiplos sentidos para Alberto, Alfredo, Willians e Sidnei. Mas em cada um deles ela guarda uma inseparável ligação com parte da história recente de São Paulo.



Júlio dos Santos

Os afrescos de Fulvio Pennacchi e as esculturas de Galileo Emendabili mostram a riqueza da arte sacra italiana

